

Estado da arte da relação da informação sobre cidadania, científica e tecnológica com a sociedade

EMIR SUAIDEN
Universidad de Brasilia, Brasil

O LEGADO DO SÉCULO XX

O legado do século, principalmente na América Latina, foi marcado pelo desenvolvimento da sociedade industrial. Para que parte da população pudesse participar da nova sociedade, era cada vez mais importante a formação de mão de obra capacitada para enfrentar os desafios do processo de industrialização. A educação era vista como um símbolo que poderia abrir novas oportunidades para todos indiscriminadamente.

Muitos países importaram modelos educacionais basicamente da Europa e dos Estados Unidos da América do Norte. Ao mesmo tempo, organizações internacionais, como a OEA, Unesco, IFLA, publicaram diversos manifestos em favor de políticas educacionais e políticas bibliotecárias. Entretanto, os desafios eram imensos: analfabetismo, desnutrição infantil, entre outros.

Nesse clima a união entre o sistema educacional e a biblioteca demorou muito tempo para ser implantado. Por falta de biblioteca escolar, surgiu o fenômeno da escolarização da biblioteca pública que aos poucos deixou de atender a outros importantes setores da comunidade. A biblioteca pública escolarizada dava prioridade

sempre para aquisição de livro didático, deixando a literatura infanto-juvenil em segundo plano e, com isso, aumentaram as dificuldades para a formação de um público leitor.

Na nossa região, as primeiras escolas de biblioteconomia surgiram na década de 60 com a vocação de preservação do material bibliográfico e as disciplinas prioritárias eram: catalogação, classificação, indexação, entre outros.

Na década de 70, surgem dois livros publicados pela Unesco intitulados *A revolução do livro* e *Fome de ler*, de dois autores, Scarpit e Baker. Nos dois livros, os autores destacavam a importância da leitura de livros para combater as desigualdades sociais e também para a manutenção de regimes democráticos.¹ Em seguida surge a obra de Bamberger (1977) denominada *Como incentivar o hábito de leitura*. Na referida obra, o autor responde à pergunta: Por que tem países mais evoluídos no campo da leitura? Segundo o autor, os países que se destacam nesta área têm os governantes comprometidos com a formação do público-leitor além de um sistema educacional privilegiando a biblioteca, o livro e a leitura. Destaca ainda a posição do livro na escala de valores do país cujos indicadores são os gastos financeiros proporcionais na promoção do livro, a tradição cultural, as oportunidades de leitura (neste particular, a escola e as bibliotecas públicas desempenham papel decisivo).²

Um importante fator, na década de 70, foi o início dos cursos de pós-graduação na América Latina. Primeiramente, os cursos de mestrado em biblioteconomia e ciência da informação passaram a dar prioridade para novas metodologias melhorando a organização do conhecimento e a livre circulação do livro além dos estudos de usuários, da competência informacional e da gestão da informação e do conhecimento.

Havia pouco ou quase nada de colaboração entre as bibliotecas e isso dificultava muito a formação e o desenvolvimento de novos investigadores.

1 Barker e Scarpit. *A forma de ler*.

2 Richard Bamberger. *Como incentivar o hábito de leitura*.

Manuel Castells, ao lado de Anthony Giddens e de Jurgen Habermas, pertence a um grupo de intelectuais contemporâneos que cercam e assessoram governantes nas questões relacionadas com a era informacional e a formação de redes. Ao escrever sua trilogia,³ Castells teve como objetivo formular uma teoria sistêmica da sociedade da informação capaz de analisar o impacto das novas tecnologias sobre a divisão do trabalho, a estrutura do emprego, o enfraquecimento do estado, dos sindicatos e sobre a organização dos meios de comunicação de massa em um mundo globalizado e conectado em redes. Propôs identificar os principais processos de alcance mundial que transformaram a economia, a cultura e a sociedade nos últimos tempos. No entanto, as bibliotecas escolares e públicas tiveram muita dificuldade em atuar em redes ou sistemas de informação prejudicando sensivelmente a formação de público leitor.

O século passado foi marcado por crises econômicas, políticas e sociais e pelo aumento das desigualdades. Faltaram também metodologias para medir o valor social das bibliotecas. A qualidade dos serviços bibliotecários não depende somente dos recursos financeiros ou dos efeitos que podem produzir as ameaças externas. Devemos estar preparados e inovar com as mudanças. A crise aumenta a nossa capacidade de inovação e a mudança se torna extremamente positiva. Não podemos parar porque temos que avaliar o que é melhor para a sociedade, abrir novas vias de trabalho e fomentar a cooperação.

No final do século passado, comprovou-se que a biblioteca deve ser criadora e educadora de comunidades, os edifícios devem se tornar espaços sociais, adaptar cada vez mais os serviços à realidade digital e dar prioridade, através da transferência da informação, à sustentabilidade do planeta.

Nas décadas finais do século XX, surgiu a revolução tecnológica que trouxe grandes desafios e também grandes oportunidades para o sistema educacional e para o desenvolvimento das bibliotecas.

3 Manuel Castells. *A sociedade em rede*.

O grande desafio para as bibliotecas foi a questão da inclusão digital principalmente nas zonas marginalizadas, sem acesso à eletricidade, sem acesso à internet. O desafio poderá ser vencido através da inclusão informacional e da competência informacional. As oportunidades para vencê-lo também aumentaram com a utilização da informação em tempo real, possibilitando aos usuários utilizar os produtos e serviços bibliotecários no celular, em casa, no trabalho, entre outros.

O estado da arte dos serviços bibliotecários também comprovou que no novo século a transferência da informação deveria privilegiar a transformação do usuário dependente em produtor de informação num processo de dar a palavra ao “não público” através do processo de autoria e não de dependência. Esse também será o caminho de viabilização da biblioteca como oportunidade de participar da agenda do governo. Além de flexibilizar as estruturas e processos, aumentar a cooperação interna e externa, promover a internacionalização dos produtos e serviços, utilizar as boas práticas como, por exemplo, a cada ano cerca de duzentos e cinquenta mil pessoas encontram trabalho na União Europeia graças ao trabalho das bibliotecas públicas.⁴ Outro exemplo dignificante pode ser visto no resultado do investimento feito na Austrália, em que, a cada cinco dólares investidos em bibliotecas, há grande economia no sistema de saúde.⁵

Em termos de recuperação da informação e produção de conhecimento, a inclusão beneficia um pequeno segmento da sociedade. De acordo com Barreto,⁶ a meta fundamental da sociedade da informação é gerar conhecimento que seja sustentado pela produção da informação.⁷ O fenômeno de produção da informação é disseminado pelas estruturas informacionais (bibliotecas, bases de dados, sistemas de informação, arquivos e museus), que determinam a efetividade da produção do conhecimento. As tarefas realizadas

4 Public libraries 2030, www.publiclibraries2020.eu

5 Australian Library and information Association, www.alia.org.au/roispecials

6 Aldo Barreto. “A questão da Informação”.

7 *Ibid.*, 3-4.

por essas estruturas são: produção do conhecimento, produção da informação organizada e transformação da informação. Essas estruturas têm diferentes lógicas operacionais. As tarefas relacionadas com a informação são determinadas por várias questões, especialmente tecnológicas, que buscam eficiência técnica e econômica. Eficiência é vital para a produção de conhecimento, no entanto, não produz conhecimento de fato, simplesmente contribui para organizar a explosão da informação.

Na visão do autor, as ferramentas e os mecanismos utilizados para classificar e organizar a informação estão em consonância com os princípios da ideologia atual; em outras palavras, eles são determinados por questões tecnológicas relacionadas com a produção de grandes quantidades de material armazenado. Dessa maneira, esses mecanismos e ferramentas não estão em consonância com a função de produção do conhecimento, uma vez que priorizam critérios de quantidade e reduzem os de qualidade dessa função. Além disso, o material armazenado é distribuído de acordo com uma lógica na qual quanto maior for a quantidade disponibilizada, maior deverá ser o número de consumidores para cobrir seus custos. Assim, surgem estratégias de distribuição com a finalidade de levar em consideração os grupos diferenciados de consumidores e distribuir esse material armazenado de forma seletiva, entre eles. Nesse processo de distribuição e diferenciação, somente pessoas privilegiadas têm acesso a determinadas informações. Isso significa dizer que esse tipo de distribuição funciona de forma a assegurar que a informação seletiva chegue apenas a uma minoria.

Em uma sociedade da informação, a produção de conhecimento gera riquezas frequentemente na forma de patentes, as quais servem para consolidar a hegemonia dos países desenvolvidos sobre os demais países. Um ótimo exemplo disso é a América Latina. À medida que a hegemonia dos países desenvolvidos se fortalece, eles não sabem como se referir ao resto do mundo, pois não sabem sequer como aquela região deve ser classificada. Inicialmente, era chamada de “subdesenvolvida”; depois, foi inventado um termo mais erudito - “países em desenvolvimento”, porém, nunca se

revelou o tempo que leva um país para ser considerado desenvolvido, ou nem mesmo se, depois de algum tempo, aquele país poderia ser mais uma vez rotulado de subdesenvolvido. Houve também um determinado período em que a América Latina fazia parte do “terceiro mundo”. Da mesma forma, nunca ficou claro quando o terceiro mundo se tornaria segundo mundo. Não obstante, em um mundo globalizado, a classificação de cada região está cada vez mais dependente dos processos de informação e conhecimento que são capazes de propiciar o processo de desenvolvimento.

A dependência do processo de desenvolvimento gera, naturalmente, desinformação e falta de informação, fatores decisivos no processo de exclusão social. A desinformação e a falta de informação atingem, principalmente, as classes menos favorecidas e influenciam seu desenvolvimento. Desinformação pode significar informação incorreta ou informação manipulada e, junto com a falta de informação, vem a formação de uma sociedade que não consegue discernir, analisar, criticar e, conseqüentemente, tomar decisões que beneficiem seu próprio crescimento. Atualmente, com a onda crescente das *fake news*, a biblioteca pública tem que tomar posição na questão da validação da informação.

Castro e Ribeiro afirmam que, em contraste com a sociedade da informação, existe outra mais populosa, a sociedade da desinformação/falta de informação, que raramente é discutida por ser ofuscada pela primeira ou por não se constituir ponto focal da Ciência da Informação.⁸ Para ilustrar essa ideia, os autores citam trecho de uma notícia extraída de um jornal de ampla circulação no estado de São Paulo: Silvana, 17 anos, que havia sido abandonada na Praça da Catedral aos 15 anos de idade, morreu de Aids em um hospital público de São Paulo. Quando foi entrevistada antes de sua morte, ela disse que não sabia para que serviam os preservativos. Isto é um exemplo da extrema falta de informação, considerando o gigantesco investimento feito pelo Ministério da Saúde na disseminação de informação sobre a doença, na época.

8 César Castro y Maria Solange Pereira Ribeiro. “Sociedade da informação: Dilema para o bibliotecário”.

Portanto o legado do século XX, em termos de educação, biblioteca e leitura, foi caracterizado pela falta de visibilidade da biblioteca, o que aumentou a distância entre o livro e as comunidades marginalizadas. Faltou também, por parte dos profissionais da informação, uma integração mais efetiva com a comunidade, reafirmando o valor social da biblioteca, pois o tipo de biblioteca para diminuir as desigualdades sociais é a biblioteca inclusiva.

OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI

As bibliotecas públicas implantadas a partir do século XVIII, principalmente nos países desenvolvidos, buscaram e deixaram um legado de que o acervo representava a verdade. Assim sendo, os usuários buscavam a comprovação da verdade através das biografias, dos textos selecionados e da comprovação científica. Tinham a certeza sobre a vida dos heróis, dos mitos e da história. As guerras ideológicas logo após a segunda guerra mundial procuraram demonstrar que nem mesmo os livros existentes nas bibliotecas eram fontes confiáveis para a busca da verdade. Recentemente, o *Dicionário da Oxford* publicou pela primeira vez o conceito da pós-verdade, ou seja, a verdade já não tem tanta consistência e necessita ser avaliada por outros meios que não sejam de interesse político ou da mídia.

A partir da década de noventa, começam a surgir publicações sobre as teorias da desinformação. A desinformação atende os interesses da hegemonia do poder, pois aumenta o número de países dependentes de todo tipo de comércio. Na maioria dos países latino-americanos, utiliza-se a desinformação para explorar os analfabetos e pessoas com desnutrição infantil.

A manipulação da informação é ainda mais acentuada nesses países onde muitas pessoas votam por um prato de comida ou um subemprego. São facilmente manipuladas, pois não têm noção de cidadania e nem dos seus próprios direitos.

O prestigiado *Dicionário Oxford* escolhe, a cada virada do calendário, a palavra do ano. Trata-se do vocábulo que sobressaiu na

comunicação. Em 2016, foi *fake news* –notícias fraudulentas que se multiplicam graças ao compartilhamento das mídias sociais. A preferência de 2017 recaiu sobre *youthquake*, que, em tradução livre, quer dizer terremoto jovem e trata-se de mudança cultural, política ou social significativa provocada pelas ações ou influências das novas tecnologias da informação e comunicação.

Na atualidade e com a trajetória que o conhecimento definiu ao longo do tempo, fica claro que a infraestrutura informacional é elemento fundamental para o desenvolvimento de qualquer cidadão, instituição ou nação. A questão da informação X inclusão social está interligada com o desenvolvimento que a ciência, a tecnologia e a educação alcançaram e o papel da informação nesse processo.

Estamos testemunhando grandes mudanças no mundo da informação. O acesso aberto à informação, os dados abertos de pesquisas científicas, a ciência aberta e a humanização digital são movimentos que trazem novas possibilidades na produção e compartilhamento do conhecimento. Na medida em que avançam esses movimentos, a ciência ganha novos contornos, abraça novas causas e segue em direção de seus novos adeptos. Segundo Albagli “A complexidade dos desafios e a urgência das questões sociais e ambientais que se apresentam às ciências impõem, por sua vez, facilitar a colaboração e o compartilhamento de dados, informações e descobertas”.⁹ Hoje, não se trata apenas de livre acesso a artigos e livros publicados, mas também de dados científicos abertos, educação aberta. Em poucas palavras, não apenas a noção do que seja a ‘abertura’ está em discussão, mas também o significado de ‘ciência’ precisa ser repensado.

No processo de reconstrução da biblioteca para atender as demandas da sociedade do conhecimento o primeiro item prioritário deve ser a relação da biblioteca com a educação, em todos os níveis, desde a formação para a cidadania até a formação de investigadores. Este é o verdadeiro caminho de dar a palavra ao “não-público”, pois a história comprova que a qualidade de vida

9 Sarita Albagli. *Ciência aberta, questões abertas*, 14.

depende de sistema educacional de qualidade amparado por um sistema de informação adequado. Neste processo a biblioteca deverá flexibilizar as estruturas e processos. Outra questão importante e fundamental é a distribuição do poder no âmbito da biblioteca. A tomada de decisão, tanto para a aquisição como para elaboração de produtos e serviços deve ser distribuída entre os profissionais da informação e pelos representantes dos usuários

O sistema bibliotecário e o sistema educacional têm grande responsabilidade no processo de mudança social. O caminho analfabeto-alfabetizado-letrado-cidadão-escriptor é extremamente complexo, mas é a única rota que levará o profissional da informação à satisfação profissional e, antes de tudo, representa o caminho que conduzirá sua comunidade à sociedade da informação.

Para enfrentar os desafios da sociedade do conhecimento, a biblioteca terá que inovar permanentemente. E os maiores desafios são de os coordenar a transição do impresso para o digital e, principalmente construir usuários produtores de informação e não mais usuários dependentes da informação. Esses dois fatores serão vitais para a construção de comunidades autossustentáveis e sociedades mais justas.

As últimas pesquisas realizadas nos Estados Unidos da América do Norte revelam a importância da família na formação dos hábitos de leitura. Pesquisas recentes revelaram que, nas residências onde há livros, crianças se dedicam muito mais aos estudos. Portanto nesse processo há uma junção da família com a biblioteca e com a qualidade de ensino oferecido pela escola. Em algumas escolas inclusive a coordenação pedagógica funciona na própria biblioteca escolar.

O papel da biblioteca pública na sociedade da informação é fundamental, pois está comprovado que as bibliotecas tradicionais constroem coleções, as boas bibliotecas constroem serviços e as grandes bibliotecas constroem comunidades.

No papel de construir comunidades cabe ao profissional da informação, cada vez mais, trabalhar com ética e responsabilidade social no novo modelo de instituição que é e deve ser a biblioteca inclusiva, trabalhando com a informação transparente e, aos

poucos, tirando a força da desinformação, da manipulação e das *fake news*.

A responsabilidade social do profissional da informação poderá criar a construção de um processo de empoderamento do usuário, ou seja, o usuário dependente passa a produzir informação, agregar valor ao texto escrito. Um dos processos mais inovadores é a implantação de *makerspaces* em bibliotecas.

Assim sendo, nesse novo cenário, talvez como uma resposta para as questões de produção e autoria, surge a obra de Julio Alonso-Arevalo denominada: *Makerspaces y bibliotecas*.¹⁰ Segundo o autor, *makerspaces* são espaços com recursos comunitários enfocados na fabricação de elementos que unem o físico e o tecnológico. Combinam o fabricante, a comunidade e o sistema educacional com o propósito de permitir que os membros da comunidade planejem e criem trabalhos manufaturados que não seriam viáveis com os recursos de que as pessoas dispõem em seu domicílio. Para este fim, utilizam-se impressoras 3D, kits de biologia sintética e ferramentas utilizadas na construção civil, que podem e devem ser utilizados por escolas, bibliotecas e centros comunitários.

Segundo o autor, recentemente a revista *Library Journal* realizou uma pesquisa em bibliotecas públicas dos Estados Unidos e do Canadá para conhecer a popularidade dos programas maker e as atividades criativas mais comum.¹¹ Os resultados comprovaram que, naquelas regiões, 89% das bibliotecas públicas oferecem programas maker. Para as crianças são ofertados programas de espaços criativos, e os adolescentes e adultos também são beneficiados. Um dos pontos fortes é o espaço de fabricação que possibilita atividades no recinto da biblioteca e também o empréstimo de ferramentas, tanto informáticas como físicas.

Devemos destacar as grandes experiências em bibliotecas do *makerspaces* em diversos países do mundo. Isso é fundamental para possibilitar o descobrimento de novos e importantes caminhos para as bibliotecas.

10 Julio Alonso-Arevalo. *Makerspaces y bibliotecas*.

11 *Library Journal*.

CONSIDERAÇÕES

A passagem de uma sociedade pós-industrial para uma sociedade da informação que, em pouco tempo, poderá se transformar em uma sociedade do conhecimento, cria uma série de desafios para a biblioteca e para a escola. Tanto uma quanto outra devem se transformar em instituição inclusiva, a começar pela inclusão digital e pelo fortalecimento do processo de transparência e de ética na formulação de políticas públicas destinadas a dar a palavra a todos, consolidando a democracia e, aos poucos, diminuir as desigualdades sociais.

O processo de comunicação e integração deve ser fortalecido com a comunidade, demonstrando, cada vez mais, o valor social da biblioteca. É necessário elaborar diagnósticos com metodologias adequadas sobre necessidades informacionais, e indicadores de impacto social que demonstrem o empoderamento do usuário.

O processo de gestão e principalmente o processo de tomada de decisão deverá sempre contar com a participação da comunidade.

O controle periódico e a avaliação dos serviços e produtos, utilizando metodologias qualitativas, são necessários para melhorar a qualidade dos serviços.

O profissional da informação terá que atuar no processo de internacionalização dos produtos e serviços, buscando atualizar-se, cada vez mais, na utilização das tecnologias de informação e comunicação.

Na verdade, um processo de reconstrução de um novo modelo de biblioteca e escola, orientado para a sustentabilidade do planeta, pode permitir a correção dos índices geradores de desigualdades sociais, tais como a evasão e repetência na escola, a fuga de talentos por falta de estrutura educacional e informacional, a baixa avaliação no ranking internacional, o aumento da desinformação e manipulação, a violência e o alto índice de desemprego.

O historiador Israelense Yuval Harari, autor de *Sapiens e Homo Deus*, afirma que os dados serão os principais produtos da economia no próximo século e que a informação e o conhecimento são e serão os ativos mais importantes do mundo. Biblioteca e escola

devem planejar as suas atividades baseadas nesses novos cenários e dar prioridade para os dados, a informação e o conhecimento e, principalmente, o processo de fundamentação e validação desses itens.¹²

No entanto, outro fator fundamental será o processo de comunicação do valor social da biblioteca para a comunidade e para os donos do poder. Para desenvolver indicadores de valor social é preciso entender a questão do capital social. Capital social é um conceito relacionado a uma abordagem teórica complexa que tem sido utilizada por várias disciplinas para o estudo de diversos aspectos da estrutura e dinâmica da sociedade. Temas bastantes distintos como as relações de poder, as desigualdades sociais, o desenvolvimento comunitário e a inovação em processos econômicos e organizacionais têm sido abordados pela ótica do capital social. De maneira muito abrangente, capital social pode ser entendido como as vantagens ou os resultados positivos obtidos através da rede de contatos de um indivíduo. O poder significa também para algumas abordagens, os resultados positivos –que beneficiam indivíduos e comunidades– advindos das redes de relacionamento voltadas para o engajamento cívico e a cooperação entre indivíduos e grupos. Esse é o verdadeiro caminho de visibilidade. Para isso o profissional da informação terá que utilizar a proximidade como valor estratégico, valendo-se dos processos de acessibilidade e igualdade, identidade, diálogo e coesão social, evolução, adaptação e inovação, cooperação (juntos fazemos melhor), participação efetiva no processo de cidadania, planejamento, avaliação, comunicação, eficiência, qualidade e sustentabilidade, lembrando sempre que a equipe de trabalho é a base do êxito.

12 Yuval Harari. *21 lições para o século XXI*.

BIBLIOGRAFÍA

- Albagli, Sarita. *Ciência aberta, questões abertas*. Brasília: IBICT, 2015.
- Alonso-Arevalo, Julio. *Makerspaces y bibliotecas*. Barcelona: VOC, 2018.
- Bamberger, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. Brasília: INL, 1977.
- Barker, Ronald y Robert Scarpit. *A fome de ler*. Brasília: INL, 1965.
- Barreto, Aldo. “A questão da informação”. *São Paulo em Perspectivas* 8, no. 4 (1994): 3-4.
- Castells, Manuel. *A sociedade em rede*. Campinas: Emays Livraria, 2016.
- Castro, César y Maria Solange Pereira Ribeiro. “Sociedade da informação: Dilema para o bibliotecário”. *Trabnsinformação* 9, no. 1 (1997): 17-25.
- Escarpit, Robert. *A revolução do livro*. Brasília: INL, 1965.
- Harari, Yuval. *21 lições para o século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- Library Journal. *Maker Programs in Public Libraries*. New York: Library Journal, 2017.